

Reflexões sobre a história: desenvolvimento e evolução do Serviço Social Radical na Europa¹

Vassilis Ioakimidis*

RESUMO

Trata-se de apresentar reflexões sobre o desenvolvimento e a evolução do assim chamado Serviço Social Radical no continente europeu. Em um arco que considera, por meios de lineamentos gerais, desde os primórdios do Serviço Social Europeu, até as vertentes mais críticas surgidas já no período da revolução industrial, passando pelos anos pós Segunda Grande Guerra, até os dias atuais, o artigo procura mostrar a gênese e atuação do Serviço Social Radical na Europa.

PALAVRAS-CHAVES: Serviço Social Radical, Serviço social europeu, serviço social e crítica social.

Reflections on the history, development and evolution of Radical Social Work in Europe

ABSTRACT

It is about presenting reflections on the development and evolution of the so-called Radical Social Work on the European continent. In an arc that considers, by means of general guidelines, from the beginning of the European Social Service, to the most critical aspects that arose during the period of the industrial revolution, going through the years after World War II, until the present day, the article tries to show the genesis and performance of the Radical Social Work in Europe.

KEYWORDS: Radical Social Work, European Social Work, Social Work and Social Criticism.

Recebido em 24-11-2019

Aprovado em 05-12-2019

Em 1921, Walter Benjamin, o renomado filósofo judeu-alemão, que mais tarde se suicidou ao tentar fugir dos nazistas, comprou o quadro *Angelus Novus* de Paul Klee. A pintura expressionista, que retrata a imagem de um Anjo, tem uma fama desproporcional ao seu modesto valor artístico.

Sua evidência está ligada principalmente ao famoso ensaio interpretativo de Benjamin,

¹ Traduzido o inglês por professora Janaina Bilate, UNIRIO.

* Professor da *University of Essex* - Reino Unido. Professor de Serviço Social e Diretor do Centro de Serviço Social. Trabalhou na Universidade de Durham, na Universidade de Nicósia - Chipre, na Universidade de Zuyd - na Holanda e na Universidade de Liverpool. Qualificou-se como assistente social na Grécia e concluiu seu doutorado na Universidade de Liverpool.

chamado “Teses sobre a filosofia da história”². Neste texto, Benjamin comparou o *Angelus Novus* com sua própria idéia enigmática e alegórica do “Anjo da História”. A “tempestade do progresso” nos empurra fortemente para o futuro enquanto nosso olhar está constantemente voltado para passado. Terry Eagleton, reformulou expressivamente a alegoria de Benjamin "o que leva homens e mulheres a se revoltarem contra a injustiça não é o sonho de libertar seus netos, mas as memórias de seus ancestrais escravizados" (EAGLETON, 2019).

O Serviço Social, notadamente falhou em reconhecer a centralidade do “Anjo da História” no processo de construção de sua própria ideologia, teoria e prática. A ênfase central da profissão na prática do "aqui e agora" e a mentalidade de "o que funciona?" nos privou da oportunidade de redescobrir nossos legados passados, enquanto reimaginamos direções futuras. Como esta apresentação demonstrará, nossos legados passados são tão diversos e contraditórios quanto a própria profissão de assistente social. Histórias de opressões e tragédias estão estreitamente ligadas com os legados de uma ação política significativamente corajosa, humana e radical.

O nascimento do radicalismo do serviço social: do movimento de assentamento ao antifascismo militante³.

A revolução industrial, que começa com a fundação do primeiro sistema de produção fabril no condado de Lancashire e a Revolução Francesa de 1789 resultaram em oportunidades inigualáveis para a produção de riquezas, o avanço científico e inovação tecnológica. Centenas de anos de feudalismo e teocracia se dissolveram tão rapidamente quanto os novos meios de produção moldaram suas estruturas econômicas fundadas na economia de mercado. Enquanto o velho mundo desaparecia e a urbanização redesenhava o mapa da Europa, novas classes sociais surgiram; desta vez, o que determinou o poder e o status não foi a linhagem aristocrática, mas principalmente a posse dos meios de produção. As divisões sociais foram reorganizadas entre os proprietários dos meios de produção e aqueles que “não possuíam nada além de sua capacidade de trabalhar”. Este fato mudou nosso mundo para sempre.

O otimismo e o entusiasmo que acompanharam as expressivas realizações da revolução industrial na década de 1830 começaram a diminuir à medida que grandes setores da classe trabalhadora sentiam a força brutal e desumanizadora de um sistema que dependia

² Cf. edição brasileira: BENJAMIN, Walter; Obras Escolhidas, Vol. 2 - Rua de Mão Única; São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987; publicado com o título “Sobre o conceito de história”.

³ O movimento de assentamento foi um movimento social reformista que começou na década de 1880 e atingiu a década de 1920 na Inglaterra e nos Estados Unidos. Seu objetivo era reunir os ricos e os pobres da sociedade, tanto na proximidade física quanto na interconexão social.

de ciclos de altos e baixos. Como Eric Hobsbawm afirma: “Qualquer que seja o aspecto da vida social que pesquisamos, 1830 marca um ponto inflexão; (...) Na Grã-Bretanha e na Europa Ocidental, em geral, data o início das décadas de crise no desenvolvimento da nova sociedade, que termina com a derrota das revoluções de 1848” (HOBBSAWM, 1962, p. 112).

A dura realidade de um novo sistema que, com o objetivo de aumentar as taxas de lucro, está sempre pronto a aviltar as condições de trabalho ou até a sacrificar uma parte de sua força de trabalho sem pensar duas vezes, significa que a pobreza e o desemprego são características fundamentais dos novos tempos, realidade introduzida pelas economias de mercado.

O Estado Vitoriano - e isso em muitos aspectos não mudou significativamente até hoje - logo percebeu que um reconhecimento central de que o sistema capitalista é susceptível a crises e é injusto exigiria medidas futuras para "retificar" o sistema.

Desta modo, as classes dominantes na Era Vitoriana tiveram que manter um discurso que obscurecesse a verdadeira natureza do capitalismo. E assim eles fizeram. De acordo com a discurso dominante da época, a economia de mercado é um sistema que gera riqueza sem precedentes, fortalece a ciência e a inovação tecnológica e, portanto, cria oportunidades para todos. Neste contexto, a pobreza e o desemprego não seriam características estruturais do sistema, mas sim incompetências individuais. Eles só poderiam ser atribuídos à corrupção moral e à preguiça de uma parcela da classe trabalhadora.

Apesar das acrobacias retóricas para esconder a brutalidade/violência do capitalismo, uma ameaça universal persistiu fortemente. A escassez levou a condições de vida horríveis que, por sua vez, criaram condições insalubres e epidêmicas que não discriminavam com base em interpretações morais. A ameaça letal de epidemias, como a cólera, combinada com a possibilidade de uma revolta exigia uma resposta imediata; uma resposta que tentaria conter algumas das conseqüências da pobreza e, ao mesmo tempo, manteria um forte elemento moralista de controle da sociedade [*social control*] pelo Estado.

Este “ideograma” foi apreendido em sua totalidade nas novas *Poor Laws* [Leis dos Pobres] da década de 1830. As Leis dos Pobres asseguravam que, embora algum “apoio” básico fosse fornecido aos mais pobres da sociedade, as pessoas que eram beneficiadas estavam sujeitas a condições de punição e de violência. O fato mais notório da Lei dos Pobres foi a construção das *workhouses*. Uma instituição total, semelhante à uma prisão, onde era exigido que as pessoas que buscavam o alívio da pobreza fossem submetidas a condições desumanizantes e cruéis. Para que esse sistema funcionasse, outro princípio importante foi

inserido. O alívio da pobreza só estava disponível nas workhouses e o apoio externo (caridade) para aqueles considerados "indignos", ou seja, que estavam nas ruas, não era permitido.

Essa é exatamente a particularidade da conjuntura social, econômica e política que levou ao “nascimento” de uma nova profissão: o serviço social. A contradição histórica entre o cuidado social e o controle da sociedade pelo estado também forneceu as bases para a criação de duas tradições contrastantes dentro da nova profissão. De várias maneiras, o espectro dessas duas tradições distintas dentro do serviço social ainda está conosco atualmente: uma é a abordagem predominante que enfatiza as habilidades técnicas e enfatiza a patologia individual. Seu foco variava da reforma liberal, na melhor das hipóteses, à opressão total, na pior das hipóteses. Por outro lado, pode-se encontrar uma concepção de serviço social mais radical que priorize as circunstâncias materiais como o fator decisivo nas condições de vida das pessoas e, portanto, priorize a mudança estrutural da produção.

Nos primórdios da profissão, a primeira tradição foi totalmente incorporada na teoria e prática da *Charity Organization Society* (COS)⁴ que foi criada em 1869 em Londres e rapidamente se expandiu para todas as principais cidades industriais do Reino Unido.

Juntamente com a abolição da caridade nas ruas às instituições pela “Lei dos Pobres”, a caridade da igreja em sua forma tradicional também foi abolida e substituída por uma abordagem de aparência profissional, isto é, da caridade científica. Essa perspectiva era notoriamente pseudocientífica, pois sua teoria se baseava na eugenia e no darwinismo social. Simplificando, os membros da “Organização Social de Caridade” endossaram a idéia de que “os pobres são pobres porque são preguiçosos e moralmente corruptos” e, portanto, ineficazes. As primeiras gerações de assistentes sociais, em sua maioria mulheres de classe média alta e membros dessas organizações, interviam com base na contenção e no “amor com disciplina”⁵.

Em muitos aspectos, seria injusto sugerir que os primeiros “profissionais” do serviço social eram maus ou até mesmo guardiões conscientes da barbárie capitalista. Na realidade, o perfil da média das assistentes sociais na época se referia a uma mulher de classe alta/da elite que procurava arduamente por algumas oportunidades de envolvimento na defesa do bem comum por meio de caminhos politicamente seguros (e *naive*). Sua principal abordagem

⁴ Organização Social de Caridade.

⁵ [N.T.] no original: *tough love* = literalmente: amor difícil.

centrava-se no trabalho didático baseado na concepção de que as "famílias problemáticas" não poderiam mudar ou melhorar, mas o melhor que podiam esperar dessas famílias era uma capacidade de copiar/imitar os valores e estilos de vida da classe média. De fato, podemos supor que a exposição de alguns assistentes sociais à crueldade da pobreza e ao contato constante com as famílias da classe trabalhadora levou, por certo, a sentimentos de empatia pelos pobres e a alguma percepção do impacto que a falta estrutural de oportunidades na Inglaterra Vitoriana causava. Mas mesmo as seções mais liberais das classes dominantes, aquelas que defendiam a reforma, compartilhavam muito da ideia de que os pobres geralmente não são capazes de melhorar suas condições materiais e assumir o controle de suas próprias vidas.

As primeiras expressões radicais dentro do serviço social apareceram em um contexto diferente, mas não sem importância, para as Organizações Sociais de Caridade. O movimento de assentamento apareceu no final do século 19 e floresceu na virada do século 20. A pedra de toque por trás da criação do Movimento de Assentamento foi o abalo sentido pelos reformadores liberais que conviviam com os efeitos desumanizantes da pobreza e sua visão de que o modelo paroquial do COS o tornava insuficiente para lidar com a complexidade das questões sociais. A primeira casa "de assentamento" foi criada em 1884 em East London. Sua diferença principal foi que houve um esforço para eliminar a separação física, que prevaleceu em toda a Inglaterra vitoriana, entre os ricos e os pobres.

Como o próprio nome sugere, visou à criação de "assentamentos" de grupos mais afluentes e liberais, principalmente associados à Universidade, em partes empobrecidas de Londres. Tal proximidade, acreditavam os fundadores dessas instituições, criaria oportunidades de compreensão e solidariedade mútuas. O Movimento de Assentamento influenciou construções similares em muitas partes do mundo (incluindo os Países Nórdicos, Alemanha, Rússia) e cresceu particularmente forte nos Estados Unidos. De fato, em muitas ocasiões, ela possibilitou concretamente aos profissionais um solo fértil para se libertarem das perspectivas de serviço social convencionais ou mesmo liberais e se engajarem em práticas radicais, conscientes de classe.

Não obstante, seria importante apontar um equívoco muito comum na literatura do serviço social. Costuma-se sugerir que existiu uma diferença muito grande de ideias entre as Organizações Sociais de Caridade e o Movimento de Assentamento, levando a uma separação ideológica entre os dois. Embora haja alguma verdade na concepção de que a estrutura organizacional e a localização física das Casas de Assentamento de fato criaram condições

que permitiram uma análise mais radical, a realidade é que não houve, como um todo, nenhuma contradição ideológica significativa entre as Organizações Sociais de Caridade e o Movimento de Assentamento. A massa crítica de reformistas que eram atuantes na época revezavam suas ações entre as duas instituições de caridade. Portanto, seria simplista sugerir que, por definição, as Organizações Sociais de Caridade representam a tradição do serviço social repressor, enquanto o movimento do Assentamento era radical *em si mesmo*. Ambas as instituições eram dominadas por idéias de classe média que praticava a caridade, e que endossavam principalmente as idéias tradicionais do darwinismo social. Embora nossa profissão celebre figuras como Mary Richmond nos Estados Unidos ou Eileen Younghusband na Grã-Bretanha como pioneiras, seria vago retratá-las como indivíduos que promoviam uma prática social radical ou emancipatória. Em muitos aspectos, sua estreita agenda de profissionalização estava distante da agenda radical significativa de extrema necessidade no início do século 20.

Seria mais prudente afirmar que, dentro do Movimento de Assentamento, alguns grupos de assistente sociais, por seu convívio diário com os impactos do capitalismo, utilizaram o espaço fornecido pelas Casas de Assentamento e começaram a fomentar uma interpretação coerente, sistemática, com base em pesquisas e uma interpretação radical sobre as forças sociais que os cercavam. Como por exemplo, o socialismo cristão das *Toynbee Houses*, em Londres, possibilitou interpretações mais radicais e a futura criação do assentamento de *Hull House* em Chicago.

Na época do surgimento das instituições comunitárias e confessionais que moldaram o serviço social, o melhor estudo sobre pobreza nas cidades industriais era, de longe, “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, de Engels. Neste estudo, o autor fez uso de métodos de pesquisa social que estavam bem à frente de seu tempo. Ele coletou dados através de observação direta, entrevistas e exaustivas análises estatísticas. Mais importante ainda, sua análise sobre a pobreza continha uma crítica devastadora acerca das ideias moralistas dominantes que hegemonizavam a política à época e orientavam a prática tanto nas Organizações Sociais de Caridade quanto nas Casas de Assentamento.

De fato, muitos assistentes sociais (trabalhadores) de assentamentos, sedentos de explicações plausíveis e coerentes sobre a miséria que estavam testemunhando, foram radicalizados através das idéias socialistas de Engels e Marx. Há exemplos históricos de profissionais que mantiveram contato direto com Engels e trocaram com ele idéias sobre o

movimento de assentamento e, de fato, a prática do serviço social⁶. Ao descrever as origens do serviço social radical na Europa, não podemos fazê-lo sem enfatizar a trajetória similar entre os dois lados do Atlântico, pois os fundadores do serviço social nos EUA, Reino Unido e outros países europeus estavam em constante contato e colaboração influenciando uns aos outros. Os fundadores e profissionais das casas de assentamento compartilharam a proximidade amistosa e possibilitaram visitas prolongadas uns aos outros. Um exemplo de profissionais de assentamentos que se radicalizaram através de articulações internacionais e acabaram construindo uma visão socialista de destaque, enquanto se engajavam em trabalho político incansável, foi Florence Kelley. Antes de se tornar membro da *Hull House*, sediada em Chicago, que era a mais radical dos assentamentos nos Estados Unidos, Florence Keeley se matriculou na Universidade de Cornell para estudar História e acabou se mudando para a Universidade de Zurique na Suíça para continuar seus estudos sobre Direito e seus estudos sobre política. Em Zurique, Kelley não só teve a oportunidade de estudar na primeira universidade europeia a admitir estudantes do sexo feminino, mas também foi apresentada ao socialismo; “O socialismo que Kelley conheceu não era o modelo anglo-americano diluído, mas o tipo marxista de sangue puro” (OAKLEY, 2018). Kelley, embuída da potência e relevância do estudo de Engels sobre a Situação da Classe Trabalhadora, produziu uma das primeiras traduções inglesas do livro.

Após seu retorno a Chicago, mudou-se para a *Hull House*, onde se comprometeu firmemente com a causa socialista. Sua intervenção foi criativa, incansável e reuniu brilhantemente a teoria marxista com a atuação do serviço social. De fato, ela iniciou e manteve articulação com seus companheiros europeus, um dos quais era o próprio Friedrich Engels. Em uma das cartas para Engels, ela descreveu o tipo de serviço social radical que ela promoveu na Casa de Assentamento.

Caro Sr. Engels (...)

Temos um grupo de mulheres eficientes e inteligentes vivendo no bairro dos trabalhadores com a casa usada para todos os tipos de propósitos por cerca de mil pessoas por semana. Sua mais recente atividade é a formação de sindicatos dos quais temos três, os fabricantes de relógios, os que fazem mudanças e os encadernadores de livros (...) O fato de viver diretamente entre os assalariados é uma ajuda imensa (o trabalho de destaque que está sendo feito no momento presente por muitas mulheres que estão organizando sindicatos de homens e mulheres). (OAKLEY, 2018)

Florence Kelley trabalhou em estreita colaboração com pioneiros radicais mais

⁶ no original: bem-estar social.

conhecidos, como Jayne Adams e Bertha Reynolds nos Estados Unidos na primeira metade do século 20, e ao longo de sua vida seguiu esses princípios produzindo um registro extremamente rico de trabalho intelectual e interventivo. Algumas de suas realizações que merecem destaque incluem a investigação completa acerca do trabalho infantil, que resultou em extensa mudança legislativa, e seu anti-racismo militante através da *Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor* (NAACP)⁷. No final de sua vida, ela concentrou-se em seu trabalho internacionalista de disseminação da paz, juntando-se ao Partido da Paz Feminina, que defendia opiniões pacifistas e se opunha ferozmente ao envolvimento dos EUA na Primeira Guerra Mundial, a qual assolou a Europa.

É importante ressaltar que o trabalho dos primeiros pioneiros do serviço social radical na Europa e nos Estados Unidos não se concentrou nas agendas monotemáticas. De fato, eles entenderam muito bem a natureza das opressões. É por isso que eles se envolveram com o trabalho social que expôs a natureza bárbara do capitalismo, desenvolveram projetos de solidariedade que apoiaram material e psicologicamente as famílias da classe trabalhadora e, ao mesmo tempo, se opuseram à guerra, ao racismo e ao imperialismo. Para os primeiros assistentes sociais radicais, todos esses temas estavam interrelacionados, e um serviço social verdadeiramente revolucionário significava engajar-se em todos os aspectos da condição humana.

Sua própria experiência de sofrer opressão, como mulher vivendo em um mundo estruturalmente opressivo e patriarcal, ajudou a moldar seu radicalismo e a conectar sua própria experiência pessoal com a natureza exploradora do capitalismo. Portanto, a luta sufragista e o feminismo também são aspectos fundamentais de sua análise. Não é por acaso que quase todas as pioneiras radicais da época foram difamadas e ridicularizadas por homens poderosos em algum momento de suas vidas, e foram descritas como loucas, sexualmente promíscuas ou ambos. Algumas delas até mesmo internadas compulsoriamente em instituições de saúde mental.

Da mesma forma, o exemplo de Mentona Moser, pioneira do serviço social suíço e figura principal da *Red Aid* nos anos 30, expressa brilhantemente a articulação e a universalidade dos pioneiros radicais na primeira metade do século 20. Mentona Moser nasceu em uma família suíça afluyente e acabou se mudando para Cambridge e Londres para estudar. Logo ela se envolveu com o trabalho de assistência *sociale* se juntou ao movimento de assentamento. Neste ela conhece Octavia Hill e Beatrice Webb, e através dessas lideranças

⁷ É uma das mais antigas e mais influentes instituições a favor dos direitos civis de uma minoria nos Estados Unidos.

é influenciada por idéias liberais e acaba trabalhando em uma instituição de caridade que apoiava crianças com deficiências. Sua experiência nessa organização rapidamente a fez se sentir decepcionada com os princípios de caridade da classe média e depois explicou que "A burguesia nunca é tão repulsiva como naqueles casos, quando está fazendo obras de caridade", "trabalho de caridade" asqueroso (MOSER, *apud* SCHILDE, 1985, p. 250). Tal decepção a fez adotar uma visão mais radical das condições que levam à opressão e à exploração. Ela se filiou ao partido comunista e, em seu retorno à Suíça, fundou a primeira escola de serviço social no país. Seu trabalho internacionalista possibilitou o contato com Clara Zetkin, uma importante revolucionária alemã que teve papel central no desenvolvimento da *Red Aid*, o que ela descreveu como o "setor dos primeiros socorros da luta de classes". A *Red Aid* era uma vasta rede de organizações socialistas de bem-estar apoiadas por partidos comunistas, priorizando o apoio a famílias de presos políticos e de comunidades subalternizadas ("comunicades carentes"). Como Kurt Schilde aponta,

Independente de sua missão social, a "Ajuda Vermelha" alemã nunca foi concebida como uma organização de caridade no "sentido burguês". Ao contrário, era para ser uma instituição de caridade proletária baseada nas teorias de Karl Marx (...) "A organização-membro" Red Aid Germany "é uma organização de ajuda partidária para o apoio de
a) combatentes da classe trabalhadora da luta de classes, que foram presos por atos cometidos ou por razões políticas ou por suas convicções;
b) Mulheres e filhos de combatentes da classe trabalhadora, que estão presos, feridos ou que morreram nas lutas." (SCHILDE, 2003)

À medida em que, a ameaça fascista e nazista se tornava eminente em toda a Europa no início dos anos 30, a *Red Aid* começou a modificar suas funções e prioridades. Aderindo a abordagem da Frente Popular, tornou-se um movimento de massas que introduziu programas de assistência aos refugiados que fugiam da ditadura de Franco durante e após a Guerra Civil Espanhola e posteriormente facilitavam atividades antifascistas em toda a Europa (principalmente, durante a Segunda Guerra Mundial). Em 1924, a "international Red Aid" mantinha organismos permanentes em dezenove países. O número de seções nacionais subiu para 36 em 1926 e para 71 até o final de 1933. E, 1937, a *Red Aid* tinha 10 milhões de integrantes (membros).

Um dos mais importantes projetos de intervenção da *Red Aid* foi a construção das "Children Homes". Essas instituições forneceram apoio material direto para as milhares de crianças cujos pais foram perseguidos e presos devido a suas convicções políticas. Novas técnicas de educação social e estruturas pedagógicas mais democráticas foram adotadas. Algumas das alterações relacionadas ao cuidado e ao ensino (tais como abordagens centradas

em brincadeiras, atividades dirigidas a crianças, serviço social anti-racista) não foram reconhecidas no serviço social convencional por mais de 60 anos.

A desconhecida história da resistência antifascista influenciou a profissão de serviço social na primeira metade do século 20. Não seria demasiado afirmar que o serviço social radical e antifascista, desenvolvido durante as décadas de 1930 e 1940, foi o exemplo mais amplo de serviço social radical na história da profissão.

Seu legado merece muito mais atenção e reconhecimento do que recebeu da historiografia tradicional. Na véspera e durante a Segunda Guerra Mundial, numerosos assistentes sociais se dedicaram arduamente na luta global contra o fascismo e o nazismo. A guerra civil espanhola, este terrível prelúdio dos horrores do nazismo, viu a primeira mobilização organizada de assistentes sociais contra o fascismo. Centenas de profissionais tomaram partido das forças republicanas em suas lutas contra Franco, tanto através dos múltiplos projetos sociais democráticos na Espanha, como também através do envolvimento direto com o conflito armado como Brigadistas Internacionais.

O que tornou esses projetos de profissão genuinamente radicais não foi apenas sua ênfase no apoio às famílias que sofreram com o impacto do capitalismo e do fascismo, mas seu reconhecimento de que espaços autônomos e democráticos eram necessários no processo de criar as condições para uma mudança revolucionária mais ampla. Como E. P. Thompson afirmou: “a luta pela auto-organização como característica do verdadeiro radicalismo da classe trabalhadora” (THOMPSON, 1962).

Infelizmente, o serviço social radical da *Red Aid* foi totalmente eliminado de nossos livros de história por causa de suas raízes socialistas e comunistas. Nem um livro sequer de serviço social convencional na Europa reconheceu isso como parte significativa de nossa história política.

O fim da segunda guerra mundial e a derrota da Alemanha nazista criaram um cenário muito diferente para os assistentes sociais na Europa. O foco na reconstrução, amplamente apoiada pelo plano Marshal na Europa Ocidental, criou uma sensação de estabilidade e desenvolvimento, enquanto a consolidação do socialismo realmente existente no leste europeu trouxe a atividade radical do serviço social a um fim abrupto.

Por mais estranho que pareça, o primeiro governo do pós-guerra no Reino Unido viu um governo trabalhista obter vitória esmagadora. O primeiro governo trabalhista de todos os tempos foi liderado por Clem Attlee, um socialista que, nos anos vinte e trinta, trabalhou em estreita colaboração com o movimento de assentamento e escreveu um livro sobre o serviço social. Neste livro, ele descreveu o papel do assistente social como o de um agitador: “É

quase certo que todo assistente social também seja um agitador” (ATTLEE, 1920), afirma.

Reemergência Radical do Serviço Social na década de 1970

Os esforços de reconstrução europeia pós-guerra - geralmente incentivado por generosos empréstimos dos EUA -, somado ao surgimento da economia keynesiana, levou a um período de crescimento econômico significativo e auto-sustentado. Em grande parte do continente, esse crescimento econômico permitiu que os governos adotassem mais políticas social-democratas fundadas em serviços universais de saúde, melhores instituições de assistência social, moradia fornecida pelo Estado e melhores condições de trabalho. Até o final dos anos 60, persistiu uma ilusão de que a pobreza havia sido erradicada e de que um contrato social consensual regularia o trabalho.

No que diz respeito ao serviço social, o período entre 1945-1965 foi de progressivo reconhecimento da profissão e melhoria de seu status, mas no âmbito ideológico foi se caracterizando pelo conservadorismo político e pela preguiça intelectual. A crescente popularidade das teorias psicodinâmicas permitiu que o serviço social renovasse sua base teórica. A teoria freudiana forneceu um apropriado instrumental para o serviço social conservador. Contribuiu para que o serviço social apresentasse uma perspectiva aparentemente mais “científica” mas, ao mesmo tempo, manteve o foco na individualização e na patologização das famílias da classe trabalhadora. Isso foi possibilitado através de uma leitura muito seletiva da teoria freudiana, que descreveu a família nuclear, heterossexual e de classe média como o normal indiscutível e posteriormente culpou as mães como fonte de qualquer possível mal funcionamento social. Como [Ernest] Jones (1983) explica:

Aqui novamente o serviço social era seletivo, optando por enfatizar apenas os elementos freudianos que sustentavam um conservadorismo subjacente, negligenciando inteiramente obras como *Eros e a Civilização*, nas quais Freud chamou a atenção para como tóxicos ambientes políticos e sociais podem distorcer o desenvolvimento humano.

Em outras partes da Europa, as redes radicais que se desenvolveram na década de 1930, como parte da política antifascista e de classe da Frente Popular, foram abandonadas devido à estabilidade política temporária oferecida pela socialdemocracia na Europa Ocidental (principalmente Grã-Bretanha, Alemanha e Países Nórdicos) ou devido ao autoritarismo e a supressão da democracia no sul da Europa. A Espanha e a Grécia são exemplos notáveis de uma teoria e prática do serviço social que foi forjada por uma mistura de anti-comunismo e puritanismo religioso. Projetos de bem-estar radicais que haviam

prosperado nas regiões republicanas da Espanha e na liberdade do movimento de resistência *partisan* na Grécia foram violentamente reprimidos. A maioria dos ativistas que desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento desses projetos coletivos, democráticos e criativos foram presos, deportados ou até mesmo assassinados. O modelo de serviço social ditado pelos militares e pela doutrina da igreja, tanto na Espanha quanto na Grécia, redefiniu o papel das mulheres na vida pública e profissional, exigindo que elas respeitassem as expectativas do conservadorismo religioso e esquecessem o passado. Toda uma tradição radical no sul da Europa foi derrotada, violentamente apagada e de fato nunca se recuperou até o final do século 20.

A política britânica forneceu mais oportunidades para o ressurgimento de uma orientação radical do serviço social no período pós-segunda guerra mundial. A década de 1960 foi um período de extraordinário ascenso e otimismo para os movimentos sociais. A ascensão do movimento pelos direitos civis nos EUA, o surgimento do movimento LGBT e o ativismo anti-guerra revitalizaram os discursos políticos e encorajaram uma nova onda de pensamento crítico que desafiava o conservadorismo social na Europa Ocidental e na América do Norte. Apesar da natureza contraditória e às vezes incoerente da *protest culture* de 1960 parecia que a rejeição ao conformismo e ao comunismo era um fio condutor entre os diversos movimentos. Dentro deste contexto, um número crescente de estudiosos teceu importantes críticas ao estado de bem-estar do pós-guerra, expondo seu caráter totalitário e impessoal (ver, por exemplo, o trabalho de Goffman sobre asilos e o trabalho de Foucault sobre loucura e poder). Outros lembraram das sociedades ocidentais que, apesar da complacência criada pelo crescimento econômico temporário, a pobreza e a desigualdade ainda eram duras realidades para grandes parcelas da população (ver o trabalho de Richard Townsend no Reino Unido). Além disso, nos campos da sociologia e da história, houve um enorme crescimento de pensamentos críticos que desafiavam a ortodoxia epistemológica e introduziam interpretações da sociedade baseadas na classe. Este foi por certo o caso dos estudos historiográficos de EP Thompson e Eric Hobsbawm, bem como o surgimento da sociologia do desvio (*sociology of deviance*) e da criminologia crítica.

A década de 1970 interrompeu a lua de mel do pós-guerra. O desemprego aumentou em níveis nunca vistos na Europa desde a década de 1930 e levou a um aumento significativo da pobreza e a um aviltamento gradual das condições de trabalho. As duras realidades econômicas ajudaram as análises marxistas sobre crescimento e crise (“boom and bust”) para recuperar sua centralidade e dar forma a um movimento radical mais concentrado. Uma geração inteira de graduandos em serviço social, que se inspiraram no surgimento de diversos

movimentos nos anos 60, percebeu que a teoria do serviço social ortodoxo não era suficiente para ajudá-los a entender as experiências das famílias afetadas pelo aumento do desemprego e da pobreza. Eles rejeitaram as visões e concepções academicistas e patologizantes sobre os usuários e o primeiro alvo de sua vigorosa crítica da teoria do serviço social foram seus professores.

A reação inicial do professorado foi de desconforto e perplexidade. Algumas universidades tentaram exercer o controle colocando ênfase nas avaliações baseadas na prática e, assim, suprimindo as discussões sobre a teoria. Por fim, o movimento radical começou se organizar mais e várias universidades (principalmente em centros industriais e urbanos) adotaram um referencial de conhecimento mais crítico. A *Warwick University* e a *Polytechnic of North London* estavam na vanguarda desse processo. Uma série de importantes publicações sobre serviço social radical apareceu pela primeira vez e explorou questões relacionadas à formação, poder, opiniões dos usuários e perspectivas socialistas sobre o serviço social. Estas publicações incluíam o livro seminal de Bailey e Brake intitulado “Radical Social Work” (ao meu conhecimento a primeira publicação acadêmica que fez uso deste termo em sua capa) e “The client Speaks (1970)” um estudo significativo das visões dos usuários, que pela primeira vez demonstraram o quão diferente suas experiências eram em comparação com o que os livros didáticos de serviço social registravam.

Além da extraordinária produção de estudos acadêmicos relevantes, uma revista trimestral não acadêmica (*Case Con*) tornou-se uma plataforma popular para a troca de idéias radicais sobre o serviço social. *Case Con* apresentava imagens de humor satírico e ironia combinadas com artigos escritos por profissionais radicais. De muitas maneiras, esta revista forjou a agenda radical do serviço social que se concentrou principalmente em duas áreas inter-relacionadas:

a) Uma crítica às associações de classe. Os assistentes sociais radicais nos anos 70 eram altamente críticos em relação às organizações de classe do serviço social, considerando-as elitistas e territorialistas. Em vez disso, propôs que os assistentes sociais priorizassem sua participação nos sindicatos, criando alianças com outras seções da classe trabalhadora, como meio de promover e articular uma visão socialista mais ampla para a sociedade. Os assistentes sociais radicais da época também eram céticos em relação às associações profissionais como a BASW (Associação Britânica de Serviço Social).

b) Potência de trabalho com os usuários. O movimento dos anos 1970 rejeitou completamente os métodos de serviço social individual, como o então “estudo de caso”. Eles

criticavam a dominação do profissional sobre os usuários e propuseram mais abordagens coletivas e baseadas na comunidade.

Como Iain Ferguson (2008) afirma,

Embora os teóricos dos sistemas estivessem preocupados principalmente com o trabalho comunitário como uma técnica para restabelecer o equilíbrio entre sistemas sociais essencialmente harmoniosos, assistentes sociais radicais, baseando-se tanto nas tradições marxistas como na escrita de ativistas comunitários como Saul Alinsky (1973), viam a ação comunitária como meio promover mudanças políticas e assegurar novos recursos em comunidades pobres.

De fato, o número de assistentes sociais sindicalizados na época aumentou significativamente e não era incomum que os assistentes sociais participassem e apoiassem greves em setores além do bem-estar social por exemplo, o setor de mineração que na época se envolvia em ações industriais prolongadas). Da mesma forma, a rica produção acadêmica e as publicações foram tão importantes que, em certa medida, ainda mantém seu valor.

Objetivamente, no entanto, a produção do exercício radical era menos expressiva. Além da participação de movimentos políticos exigindo mais recursos para o bem-estar e a participação ativa dos profissionais nos sindicatos, a prática social radical sempre permaneceu como uma corrente minoritária que desenvolveu apenas alguns exemplos concretos de projetos radicais “no chão de fábrica” (principalmente nas áreas de defesa de direitos e trabalho comunitário).

Um outro país europeu que destacadamente desenvolveu um movimento de serviço social radical, relativamente similar e no mesmo período, foi a Alemanha, que se concentrou principalmente no empoderamento das comunidades de imigrantes. O serviço social radical na Alemanha traçou algumas semelhanças com o exemplo britânico, enfatizando a crítica às contradições capitalistas e endêmicas do estado de bem-estar social. Ele se constituiu principalmente em torno de uma abordagem social pedagógica que se concentrou em capacitar os jovens originários da classe trabalhadora e comunidades empobrecidas. A questão da des-nazificação, embora presente nos movimentos alemães mais amplos, não foi totalmente explorada na área do serviço social até muito mais tarde (final dos anos 90).

Em nível europeu, recentes pesquisas históricas descobriram alguns exemplos radicais em Portugal, destacando o papel dos assistentes sociais na Revolução dos Cravos. No entanto, a extensão de uma poderosa corrente radical ainda não está totalmente documentada.

No Reino Unido, o movimento radical de serviço social chegou a um fim gradual no início dos anos 1980 devido a vários fatores, incluindo o feroz ataque ao estado de bem-estar social e ao serviço social pela administração neoliberal de Margaret Thatcher, o aumento do

gerencialismo que permitiu pouco espaço para a autonomia dos assistentes sociais, esses movimentos tinham limitações evidentes (como a falta de uma agenda verdadeiramente feminista ou anti-racista dentro do movimento e sua incapacidade de fornecer exemplos sustentados de abordagens radicais para a prática). Além disso, a ascensão do movimento radical dentro do serviço social colocou os programas universitários no epicentro da ira dos empregadores. Os diretores de serviços sociais, perturbados pelo que chamaram de produção de “empregados difíceis”, exigiram mais controle sobre os currículos do serviço social. Isso acabou sendo concedido pelo governo e, no início da década de 1980, os empregadores estavam em condições de exercer um controle sem precedentes sobre a seleção de estudantes, o ensino de conteúdos e a prática de educação. Tal controle sufocou a produção intelectual das universidades. Além disso, a ascensão das teorias pós-modernas e baseadas na identidade na década de 1990 afastou (temporariamente) as abordagens marxistas da agenda. Isso foi afetado inevitavelmente pelas mudanças políticas mais amplas em nível global e pela queda da União Soviética.

Apesar do declínio das teorias do serviço social radical no último quartel do século 20, é importante lembrar que o legado dessa tradição na formação de uma profissão comprometida com a justiça social tem sido imenso. A subsequente inabilidade, anti-psiquiatria, anti-racista, desinstitucionalização e os movimentos liderados pelos usuários, tão potentes hoje em dia, foram todos inspirados nas tradições radicais do serviço social dos anos 70. Além disso, o ressurgimento do novo radicalismo do serviço social no século 21 e sua influência na Europa não teriam sido possíveis sem o legado radical do serviço social do passado.

Como esta apresentação destacou, a história do serviço social radical na Europa é uma das vitórias significativas, das grandes realizações intelectuais, mas também um conto de derrotas políticas e erros de cálculo táticos. Apesar das extensas mudanças geopolíticas globais e dos incríveis avanços tecnológicos vivenciados pela sociedade, as circunstâncias reais que inspiraram os primeiros radicais há quase 120 anos ainda estão atormentando a humanidade. Enquanto a pobreza, a injustiça, a desigualdade, a exploração, o sexismo e a destruição ambiental constituírem a experiência das pessoas e comunidades com as quais estamos trabalhando, os assistentes sociais nunca devem parar de lutar por alternativas políticas.

No entanto, não podemos calcular plenamente as conquistas de nossos pioneiros radicais, a menos que nos coloquemos no contexto histórico particular em que ocorreram.

Precisamos ter firmeza em explorar tanto as histórias opressoras quanto as radicais do serviço social, pois elas estão intrinsecamente ligadas em uma relação dialética.

Como Gramsci destacou em seus cadernos do cárcere: "A história é ao mesmo tempo liberdade e necessidade". Vamos confrontar nossa história, a fim de re-imaginar coletivamente um futuro radicalmente diferente, mais humano e socialmente justo.

Bibliografia:

ATTLEE, C.; **(The) Social Worker**, London: G. Bells and Sons, 1920.

BENJAMIN, Walter; **Obras Escolhidas, Vol. 2 - Rua de Mão Única**; São Paulo, Ed Brasiliense, 1987.

EAGLETON, T. "Waking the Dead". In: *New Statesmen*, 12th November 2009, <http://www.newstatesman.com/ideas/2009/11/past-benjamin-future-obama>. Last accessed 27th August 2019.

HOBSBAWM, Eric; **The Age of Revolutions**; London: Weidenfeld and Nicholson, 1962.

FERGUSON, I. **Reclaiming social work: Challenging neo-liberalism and promoting social justice**; London: Sage Publications, 2008.

OAKLEY, A. **Women, Peace and Welfare**. A suppressed history of social reform 1880-1920. Britsol: Policy Press, 2018.

SCHILDE, K. "First Aid squad in the class struggle"; in: HERING, S. & WAALDIJK, B. (eds) **History of social work in Europe (1900–1960): Female pioneers and their influence on the development of international social organizations**. Opladen, Germany: Soziale Arbeit, 2003.

THOMPSON, E. P. **The Making of the English Working Class**. New York: Vantage Books, 1962.